

CRIANÇAS DE ASPERGER: AS ORIGENS DO AUTISMO NA
VIENA NAZISTA

ISSN: 2764-5622

Vol. 2 | Nº. 1 | Ano 2021

**Beatriz Lopes Porto
Verzolla**

*Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo*
bia.verzolla@usp.br

Cristiano de Oliveira

*Universidade Federal de São
Paulo*
cristiano.fono@yahoo.com.br

A ampliação das informações acerca do autismo vem contribuindo para a expansão do acesso ao diagnóstico e a intervenções, permitindo, inclusive a problematização de ícones que permeiam a história do autismo, dentre eles, a figura do psiquiatra austríaco Hans Asperger (1906-1980), conhecido por suas pesquisas relacionadas ao autismo, a quem se refere a nomenclatura Síndrome de Asperger. O termo já não é mais utilizado oficialmente pelo DSM-5 e também não será mais utilizado a partir da vigência da CID 11, no ano de 2022, sendo englobado na classificação Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Para além das classificações e manuais médicos, nos últimos anos, com a divulgação de evidências das relações de Asperger com o regime nazista e sua participação no envio de crianças para campos de concentração, o termo Síndrome de Asperger vem sendo rejeitado por pessoas da comunidade autista.

Escrito pela historiadora Edith Sheffer, especialista em História da Alemanha e da Europa Central, o livro tem como objetivo apresentar as relações entre a construção do diagnóstico de autismo, as formas de intervenção destinadas a crianças que se enquadravam em determinado grupo de características e os eventos ocorridos durante o período nazista. A obra se destaca pela composição de documentos históricos (arquivos biográficos, arquivos estatais, jornais de livre circulação, prontuários, cartas e relatos pessoais de sobreviventes do regime nazista) em uma narrativa que busca estabelecer relações entre os valores cultivados na Alemanha nazista e o conceito de psicopatia autista proposto por Asperger, bem como suas propostas de intervenção e pesquisa.

De acordo com a autora, o conceito de psicopatia autista nasceu na Alemanha em meados do século XIX e era aplicado originalmente a indivíduos que estavam em hospícios e prisões, sendo ampliado a partir da

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com
<https://www.revistaneurodiversidade.com/>

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

década de 1920, para se referir a todos os indivíduos que ameaçassem a ordem social. Asperger definia a psicopatia autista como um distúrbio de adaptação do ambiente, que gerava falhas nos relacionamentos sociais. Com o fim do regime nazista, os estudos de Asperger permaneceram desconhecidos durante décadas, sendo resgatados em 1981 pela psiquiatra britânica Lorna Wing, que utilizou o termo Síndrome de Asperger pela primeira vez. A nova terminologia se popularizou no meio psiquiátrico e o diagnóstico foi incluído no DSM-IV, em 1994, e incorporado ao TEA na edição seguinte do manual, em 2013.

Na edição brasileira, as 322 páginas são distribuídas em 10 capítulos que compõem a narrativa, além de introdução, epílogo, agradecimentos, lista de abreviaturas, notas e índice referenciado. Todos os capítulos mesclam informações retiradas de fontes documentais com impressões e reflexões realizadas pela autora, formando uma rede de conexões em uma narrativa coesa e instigante. Ao longo do texto, a vida profissional de Asperger é apresentada, acompanhando seu percurso por diferentes instituições, onde trabalhou no acompanhamento de crianças com características autísticas, especialmente ao longo do regime nazista. Diante da necessidade de construção de uma unidade nacional e de um sentimento coletivo para efetivação do regime nazista, o texto relaciona a observação de crianças e jovens que manifestavam uma forma desviante da maioria em estabelecer laços sociais, com a sistematização de diagnósticos relacionados a falhas na Gemüt – termo que, originalmente, significava “alma” e que a psiquiatria nazista passou a aplicar com o sentido de “capacidade de formar laços sociais”. É sobre esse contexto que se delinea a construção do texto apresentado na obra.

A partir do resgate dos documentos, a autora apresenta a trajetória de diferentes crianças que passaram pelas clínicas de Asperger e sua equipe, sendo submetidas a diferentes testes para avaliar e classificar seu desempenho cognitivo e social. A inserção de trechos de documentos e de relatos agrega mais proximidade da narrativa com o leitor, exemplificando as diferentes situações e tornando a leitura mais fluida. São apresentadas situações demonstrando as diferenças de tratamento entre meninos e meninas, e entre os casos considerados mais promissores (que tinham seu desenvolvimento estimulado) e os que a equipe considerava que não se beneficiariam dos tratamentos. Os casos considerados ineducáveis ou incorrigíveis eram encaminhados para clínicas infantis onde funcionavam centros de extermínio de crianças, como o de Spiegelgrund, em Viena, para onde foram enviadas algumas das crianças que passaram pelas avaliações de Asperger.

A apresentação de uma nova perspectiva a respeito da construção histórica do diagnóstico da Síndrome de Asperger, realizada de forma inédita pela autora, evidencia que os diagnósticos não são entidades isoladas e restritas à biologia, mas se interconectam com fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Essa perspectiva, tal como apresentada ao longo da narrativa, leva o leitor a refletir sobre as construções sociais em torno dos diagnósticos e como isso influencia no direcionamento de condutas e na construção de políticas voltadas a pessoas que não se enquadram em padrões previamente estabelecidos. Destacam-se também as discussões sobre eugenia, que foi tomada como ciência ao longo do início do século XX e atingiu o auge do extremismo na Alemanha nazista, com a implementação de ações de segregação, esterilizações reprodutivas e extermínio, baseadas em uma teoria de aprimoramento da espécie humana e tendo como alvo todas as pessoas consideradas “anormais” ou “degeneradas”, dentre elas, as pessoas com deficiência.

Por fim, a obra nos leva a refletir acerca do fazer científico – sempre conectado ao seu tempo e cultura, sujeito aos vieses que dominam o pensamento geral da época em que está inserido – e de como intenções aparentemente bem-intencionadas e positivas para o desenvolvimento da sociedade podem encobrir ações de exclusão de determinados grupos de pessoas, consideradas por alguns como um fardo. Analisar as descobertas científicas de forma contextualizada no tempo histórico e cultural também nos suscita a reflexão de que os cientistas, assim como todos os seres humanos, são seres sociais, que não estão alheios à realidade que os cerca e são influenciados pelo contexto em que estão inseridos. Sendo assim, compreender melhor o passado, as origens de um conceito, suas formas de aplicação e as personalidades que estiveram relacionadas a ele, nos oferece elementos para analisar as rupturas e permanências históricas que influenciam a produção atual da ciência e a forma como a sociedade lida com questões que são transformadas historicamente, como é o caso do autismo e das diferentes nomenclaturas relacionadas ao tema.

REFERÊNCIAS

Sheffer, Edith. Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Beatriz Lopes Porto Verzolla

Fonoaudióloga graduada pela Unifesp, mestre e doutoranda em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina da USP. Tem vasta experiência profissional no atendimento de pessoas autistas, com deficiência intelectual e surdez, assim como no apoio à inclusão escolar de alunos com deficiência. Pesquisadora na área de eugenia e deficiências. Conduz o perfil @paradoxa_edu, onde produz conteúdo relacionado ao autismo.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6306019269105510>

Cristiano de Oliveira

Fonoaudiólogo graduado pela Unifesp, especializado em Audiologia Clínica pela Irmandade Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Tem vasta experiência profissional na avaliação e reabilitação da audição e do equilíbrio, atuando nos setores público e privado. Recebeu diagnóstico de autismo tardiamente, aos 34 anos. Produziu o documentário Stímadós Autistas. Conduz o perfil @paradoxa_edu, onde produz conteúdo relacionado ao autismo.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4386733712971898>

Recebido em 04 de outubro de 2021
Aceito em 08 de novembro de 2021
